

#cm
2

SEGUNDA-FEIRA

A Barca leva Gonzaguinha



Quatorze anos depois de estrear “Gonzagão – A Lenda” no Sesc Ginástico, **a premiada companhia Barca dos Corações Partidos** retorna ao mesmo teatro com “Gonzaguinha É”, musical que mergulha na vida e na obra do compositor — e abre a **comemoração dos 15 anos de um grupo premiado que já levou mais de 600 mil** pessoas a seus espetáculos.
Página 2

Renato Mangolin/Divulgação

Em 2012, o Sesc Ginástico viu nascer a Barca dos Corações Partidos, quando estreou “Gonzagão – A Lenda”, musical sobre Luiz Gonzaga produzido pela Sarau Cultura Brasileira e assinado por João Falcão. Quatorze anos depois, a mesma companhia volta ao mesmo palco do Centro do Rio para olhar para o filho do Rei: em 25 de setembro estreia “Gonzaguinha É”, que inaugura também a contagem para os 15 anos da trupe. A direção é de Inez Viana, o texto é de Bráulio Tavares e Ana Carbatti — que assina ainda a direção assistente —, e a direção musical e os arranjos são de Alfredo Del-Penho e Beto Lemos.

O retorno não é apenas sentimental. Desde “Gonzagão”, a Barca se firmou como um dos grupos mais celebrados do teatro musical brasileiro, com uma linguagem própria que costura teatro, música, dança e performance tendo a cultura brasileira como matéria-prima. São mais de 800 apresentações em mais de 60 cidades, público superior a 600 mil espectadores e mais de 50 prêmios acumulados, entre eles Shell, APTR e APCA. É dessa estatura que o grupo chega à sua festa de 15 anos — e elege Gonzaguinha para abri-la.

“Gonzaguinha É” foge da biografia teatral de praxe. A montagem parte da trajetória e das canções do compositor para mergulhar nas muitas dimensões de um artista que transformou a própria história em maneira de falar sobre o Brasil. Em cena, cada um dos artistas assume o papel de Gonzaguinha e se reveza nos instrumentos, marca registrada das criações da Barca. “O Gonzaguinha foi pensado também como uma maneira de a Barca olhar para a própria trajetória e para o seu começo como grupo de teatro, que aconteceu a partir do projeto do centenário do Luiz Gonzaga. Depois de termos visitado toda a obra do pai, foi muito natural querer falar sobre o filho. E acabamos chegando aos 80 anos de Gonzaguinha”, conta Andréa Alves, idealizadora e produtora artística do espetáculo e fundadora da Sarau. “Existe ainda uma relação muito próxima e afetiva que construímos com a família Gonzaga ao longo desses anos.”

A ligação da produtora com os Gonzaga, aliás, antecede a própria Barca: há mais de duas décadas a Sarau desenvolve projetos em torno da obra da família, relação que chega direto à criação. Nanan Gonzaga assina a consultoria criativa e abriu ao grupo o acervo pessoal do compositor, materiais que alimentaram a dramaturgia.

Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior nasceu no Morro de São Carlos, no Rio, em 22 de setembro de 1945, filho do Rei do Baião e da cantora Odaléia Guedes dos Santos, morta de tuberculose quando ele tinha dois anos. A partir dos anos 1970, pavimentou uma carreira que o consagraria como um dos grandes



“Gonzaguinha É” foge da biografia teatral de praxe para, a partir de suas canções, mergulhar nas muitas dimensões do artista

A Barca volta às origens

Musical ‘Gonzaguinha É’, em cartaz no Sesc Ginástico, é a nova montagem do grupo que soma mais de 800 apresentações e mais de 50 prêmios

“O ‘Gonzaguinha É’ foi pensado também como uma maneira de a Barca olhar para a própria trajetória e para o seu começo como grupo de teatro, que aconteceu a partir do projeto do centenário do Luiz Gonzaga. Depois de termos visitado toda a obra do pai, foi muito natural querer falar sobre o filho”

ANDRÉA ALVES

nomes da música popular brasileira, atravessando a Ditadura Militar e as lutas pela democracia sem nunca se resumir à canção de protesto. Em suas músicas convivem desigualdade e amor, infância e esperança, denúncia e alegria de estar vivo. “Explode Coração”, “Sangrando”, “Começaria Tudo Outra Vez”, “Grito de Alerta”, “O Homem Falou” e “O Que É, O Que É?” seguem gravados e reinterpretados por gerações que nem nas-

ceram quando ele morreu, em abril de 1991, aos 45 anos, num acidente de carro no interior do Paraná.

“A obra dele fala de um Brasil profundo, de um Brasil real. Gonzaguinha atravessou momentos de luta pela democracia e pela manutenção de direitos, mas, quando começamos a revisitar sua obra, percebemos o quanto seria reducionista enxergá-lo somente como um compositor político. Ele fala muito

de amor, das crianças, do futuro e da esperança. Existe uma delicadeza enorme ali. É algo que queremos sublinhar no espetáculo”, analisa Andréa.

A permanência desse legado ganhou imagem recente e irrecusável: Shakira cantou “O Que É, O Que É?” com Maria Bethânia para cerca de dois milhões de pessoas na Praia de Copacabana. “Essa é uma imagem poderosa da atualidade de Gonzaguinha e do lugar afetivo que sua obra ainda ocupa entre nós. Escolher Gonzaguinha e prestar essa homenagem é apostar em uma obra de enorme potência artística e profundamente brasileira. Porque Gonzaguinha continua dizendo coisas que precisamos ouvir”, reflete Leila Maria Moreno, diretora de Projetos da Sarau.

A equipe reúne parceiros históricos e encontros desejados. Bráulio Tavares, dramaturgo, poeta e pesquisador da cultura popular, retorna com a companhia a parceria de “Suassuna – O Auto do Reino do Sol” e “Jacksons do Pandeiro”. Inez Viana assume a direção de uma

colaboração cobiçada há anos pela Barca, que pesou a experiência dela com o trabalho continuado em companhia. Ana Carbatti, cuja história com a Sarau remonta a 1995, quando integrou o elenco de “Forrobodó”, voltou à produtora em “Museu Nacional – Todas as Vozes do Fogo” e agora assina o texto e a direção assistente. Completam a montagem Denise Stutz (direção de movimento), Mina Quental (cenografia), Carol Lobato (figurino), Ana Luzia Molinari de Simoni (iluminação) e Gabriel D’Angelo (desenho de som). Em palco, a Barca de Ádren Alves, Alfredo Del-Penho, Beto Lemos e Ricca Barros recebe as convidadas Ana MaGa, Luiza Loroza, Nívea Magno e Thati Dias.

Sob o espetáculo corre o princípio que move a Sarau desde sua criação, em 1992: contar histórias do país a partir de quem ajudou a construí-la. Em três décadas, foram mais de 260 projetos, entre eles mais de 50 espetáculos teatrais, 46 projetos musicais e 21 álbuns. “A importância de contar Gonzaguinha tem tudo a ver com o propósito da Sarau: contar histórias brasileiras a partir de brasileiros que ajudaram a construir a memória do país. No Brasil de hoje, precisamos ouvir esses grandes mestres que atravessaram momentos tão importantes da nossa história e que continuam nos ajudando a pensar quem somos”, diz Andréa.

SERVIÇO

CONZAGUINHA É

Até 25/10, quintas e sextas (19h) e sábados e domingos (17h)

Teatro Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, – Rio de Janeiro Ingressos a partir de R\$ 50, R\$ 25 (meia), R\$ 16,50 (convênio empresário), R\$ 15 (sócio Sesc) e grátis (PCG)



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Uma das piadas mais divertidas (e incorretas) de “Cavalo Selvagem Nove” (“Wild Horse Nine”) envolve a insistência do veterano agente da CIA (especialista em matar) Chris (John Malkovich) em falar em Ilha de Páscoa, com deboche, para se referir a Rapa Nui e suas estátuas, em solo chileno. Xenófobo, ele desfila uma acidez à moda estadunidense que associa esse misto de thriller político e comédia ao desgoverno Trump de 2026.

Por onde passa, o longa-metragem vira um ímã de aplausos, em especial para a figura de Chris e seu intérprete. Vai ter sessão dele nesta segunda, no Festival do Rio, às 14h, no Est. Claro Rio 5, com projeção na quarta, às 21h15, no Reserva Cultural. Cada passagem do filme em terras cariocas amplia a torcida nacional para que Malko-



O astro John Malkovich flerta com o Oscar por seu exuberante desempenho em ‘Wild Horse Nine’

Ligações perigosas com a fama

Aos 72 anos, John Malkovich dispara como um dos favoritos ao Oscar com ‘Cavalo Selvagem Nove’, que abraça a realidade do Chile de Allende

vich vença, enfim, a corrida pela estatueta dourada de Hollywood. O Festival de Veneza deu a ele a Copa

Volpi de Melhor Interpretação, no mês passado. Um dos enigmas mais indeci-

fráveis do cinema é a ausência de um Oscar no currículo deele. Essa esfinge pode cair por terra agora,

com “Cavalo Selvagem Nove”, que leva o astro ao Chile de 1973, o ano do golpe que derrubou o sonho de Salvador Allende. Seu realizador, o dramaturgo e cineasta Martin McDonagh (de “Três Anúncios Para Um Crime”), não é hermano, e, sim, um inglês nascido em Londres, mas Malkovich (numa interpretação forjada para lhe valer um Oscar), vive uma fase de investigação das cicatrizes governamentais do Chile. Nosso vizinho de continente é tema de peças recentes que o ator tem feito pelo mundo, inclusive no Theatro Municipal, onde encenou “The Infamous Ramirez Hoffman”.

No longa de McDonagh, cujo roteiro satiriza o intervencionismo da CIA no globo terrestre, o bom e velho Valmont de “Ligações Perigosas” (1988) cria Chris Carlisle como um operativo já cansado de guerras (e de suas feridas) que vislumbra horizontes fardados a marchar pelo Novo Mundo, numa viagem à Ilha de Páscoa com seu parceiro Lee (Sam Rockwell, divo do diretor). A trama vem sendo descrita como comédia crepuscular. Há um chefe já fatigado em relação aos abusos de Chris, vivido por Steve Buscemi, que almeja liquidar seu antigo aliado.

Na sexta, dia 9, às 16h30, vai rolar mais uma exibição de “Cavalo Selvagem Nove” no Festival, no São Luiz.

O CINEMA NACIONAL GANHOU UM NOVO PRÊMIO.



O CORREIO DA MANHÃ CRIOU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, EVENTO PARALELO DO FESTIVAL DO RIO, PARA DESTACAR OS MELHORES LONGAS DE FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO, VALORIZANDO A NOSSA POTENTE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COM UM OLHAR DE RECONHECIMENTO AO BRASIL QUE EMERGE NAS TELAS.

JURADOS



RODRIGO FONSECA
ROTEIRISTA E CRÍTICO DE CINEMA DO CORREIO DA MANHÃ



PAULA MARTINEZ MELLO
JORNALISTA, MONTADORA, PRODUTORA E SECRETÁRIA DO CEDIM



CÉSAR MONTEIRO
CRÍTICO DE MÚSICA E CINEMA



AFFONSO NUNES
JORNALISTA E EDITOR DO CADERNO CULTURAL DO CORREIO DA MANHÃ



GUSTAVO VALENTE
EDITOR DO CANAL SÉT POR SÉT E APRESENTADOR DO MOMENTO CRÍTICO



Realização:

Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita



Divulgação

Reflexões inerentes a 'Ensaio Sobre a Cegueira' levaram José Saramago ao filme 'Janela da Alma'

Pelas frestas da existência



Festival do Rio celebra os 25 anos de 'Janela da Alma', marco do documentário nacional que tratou o olhar como arte, como sina existencial e como espelho libertário da razão

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tem filme que envelhece. Tem filme que vira documento de uma época. E tem filme que, danado, continua olhando de volta para a gente. "Janela da Alma" pertence a essa terceira espécie. Vinte e cinco anos depois de João Jardim e Walter Carvalho colocarem uma pergunta aparentemente simples diante da câmera — afinal, o que significa ver? —, o longa ganha uma sessão comemorativa nesta segunda-feira, às 21h30, no Centro Cultural FGV (Praia de Botafogo, 190), dentro do Festival do Rio.

A festa acontece numa edição em que a maratona cinéfila carioca revisita também a obra em curtas-metragens de Wim Wenders, justamente um dos sujeitos que sentaram diante das lentes da dupla

brasileira para filosofar sobre olhar, realidade e cinema.

Restaurar e preservar "Janela da Alma" é mais do que tirar o pó de um sucesso. É garantir acesso a um filme que ajudou a mudar nossa maneira de entender o documentário. Há ali uma reflexão sobre a arte de ver e a artimanha de enxergar, mas existe também uma aula sem quadro-negro sobre montagem, fotografia, silêncio, palavra e tempo. Mantê-lo vivo é, portanto, um exercício de inclusão: significa permitir que outras gerações participem de uma conversa humanista sobre a arte que começou há um quarto de século e ainda não acabou.

E pensar que esse ensaio sobre olhos, miopia, cegueira e percepção virou sucesso de bilheteria. "Janela da Alma" passou por festivais como Cannes e Karlovy Vary, rodou Rússia, Estados Unidos, México e Uruguai e conseguiu uma proeza para o documentário brasileiro daquele co-

meço de milênio: ficou 48 semanas em cartaz e chegou a cerca de 160 mil ingressos vendidos. Isso numa época em que "Homem-Aranha" e "Harry Potter" tratavam as salas de cinema como quintal de casa.

Depois, vieram as escolas. Vieram as universidades. Vieram espectadores que talvez nem fossem nascidos quando João e Walter resolveram transformar uma inquietação particular em cinema. Jardim, muito míope desde criança, começou o projeto querendo investigar como o fato de não enxergar direito havia influenciado sua vida. Logo percebeu que a conversa era grande demais para caber apenas nos próprios óculos.

Ele e Walter foram atrás de gente que sabia enxergar o mundo de tudo quanto era jeito. Estão lá José Saramago, único Nobel da Literatura em língua portuguesa, a cineasta Agnès Varda, Hermeto Pascoal, Wim Wenders e o fotó-

grafo cego Evgen Bavcar. Em vez de oferecer uma resposta pronta, "Janela da Alma" monta uma roda de conversa sobre a quilometragem que separa olhar de compreender.

"Na distância entre aquilo que se vê e aquilo que se deduz reside uma certa poesia que a gente chama de cinema", dizia Walter Carvalho na época do lançamento. A frase serve como uma bela bula para o filme.

Só que "Janela da Alma" não queria ser bula de nada. Sua força estava justamente em escapar do didatismo que tantas vezes engessava o documentário. João e Walter tinham fatos, depoimentos e personagens extraordinários nas mãos, mas não estavam interessados apenas no que aquelas pessoas diziam. Queriam saber como respiravam antes de falar. Como paravam. Como olhavam. Como o suor aparecia na pele. Como um silêncio poderia dizer uma barbaridade de

coisas.

Wim Wenders percebeu isso. O alemão de "Paris, Texas", Palma de Ouro de Cannes em 1984, clogiou justamente a maneira como os brasileiros sabiam usar o silêncio. Para ele, a velha cerca entre ficção e documentário já estava arrebitada havia tempos: a ficção ficava mais adulta quando permitia que a realidade entrasse sem bater e bagunçasse a sala.

É bonito, portanto, que Wenders esteja duplamente presente nesta edição do Festival do Rio. Enquanto "Janela da Alma" sopra suas 25 velinhas, a produção em curtas-metragens do alemão está em revisão na programação da maratona cinéfila carioca. Um diálogo iniciado diante da câmera em 2001 reaparece agora na tela grande.

Naquela virada de século, isso tudo tinha um peso particular. O planeta começava a descobrir que a intimidade podia virar espetáculo. "Truman Show – O Show da Vida", de Peter Weir, já havia dado o alerta em 1998. Vieram os reality shows, o "Big Brother", a internet e uma vontade quase compulsiva de espiar a vida dos outros. Ao mesmo tempo, filmes como "Amores Brutos", de Alejandro González Iñárritu, e "O Círculo", de Jafar Panahi, injetavam doses cavalares de realidade dentro da ficção.

O documentário pegou carona nessa fome pelo real e saiu do cantinho dos canais educativos para encarar o circuitão. "Janela da Alma" entrou nessa onda sem surfar moda nenhuma. Tinha personalidade própria. Parecia documentário, flertava com cinema experimental e às vezes avançava como literatura em fluxo de consciência.

Basta lembrar Evgen Bavcar. Cego, ele fotografava tocando o rosto de seus modelos, cartografando pelo tato aquilo que os olhos não podiam alcançar. Poucas imagens explicam tão bem o que João Jardim e Walter Carvalho estavam procurando. Bavcar ignorava a capa para entrar no miolo do livro.

Talvez seja essa a razão de "Janela da Alma" ter atravessado 25 anos sem virar peça de museu. O filme entrou para a relação dos 20 grandes documentários brasileiros da Abraccine, mas sua verdadeira consagração está no tanto de gente que aprendeu alguma coisa com ele. Jardim e Carvalho seguiram caminhos que saltaram da ficção ao documentário e vice-versa, mas nunca fecharam aquela janela.

Ainda bem. Porque, em outubro de 2026, quando somos soterrados por imagens a cada segundo, preservar um filme que pergunta se olhar é realmente enxergar deixou de ser apenas uma questão de memória cinematográfica. Virou necessidade. "Janela da Alma" guarda um pedaço do Brasil, um quinhão do mundo e uma geografia feita de afeto. Nesta segunda, aos 25 anos, abre-se outra vez para quem quiser olhar. E, sobretudo, para quem ainda estiver disposto a ver.



Duas irmãs encaram o sexismo costa-riquenho em 'Para Sempre Seu Animal Materno'



Estética para desarrumar vitrines

Valentina Maurel reafirma seu papel como porta-voz de uma nova (e menos machista) Costa Rica em 'Para Sempre Seu Animal Materno', premiado em Cannes

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Eduro carregar nos ombros a condição de voz autoral de maior projeção internacional de uma cinematografia quando o país que você representa prefere vender ao mundo outra imagem de si mesmo. Valentina Maurel não fecha com a Costa Rica

de cartão-postal, embalada historicamente como paraíso tropical sem grandes conflitos, uma espécie de "Suíça centro-americana", nem com a docilidade cultural que transforma uma nação em vitrine confortável para interesses externos.

Depois de colecionar prêmios entre Locarno e San Sebastián com "Tenho Sonhos Elétricos", a cineasta volta a bater de frente com esse status quo em "Para Sempre Seu Animal Materno" ("Siempre Soy Tu Animal Materno"), atração do 28º Festival do Rio nesta segunda-feira, às 18h, no CineCarioca José Wilker 1 (Rua Leite Leal, 45). Há repeteco na sexta, dia 9, às 16h15, no Cinesystem Belas Artes Botafogo 5 (Praia de Botafogo, 316).

"É muito duro ser embaixadora de um país fazendo filmes como os que faço, que desmistificam uma imagem que a Costa Rica quer dar de si mesma", disse Valentina ao Correio da Manhã. "É a imagem de uma excepcionalidade branca, de uma Suíça centro-americana sem problemas, de um país tropical, exótico e turístico. É muito difícil representar um país que não quer ser representado dessa forma". Sua inquietação vai além da tela: durante a entrevista, em San Sebastián, a diretora

“É muito duro ser embaixadora de um país fazendo filmes como os que faço, que desmistificam uma imagem que a Costa Rica quer dar de si mesma”

VALENTINA MAUREL

manifestou preocupação com a redução dos recursos destinados à cultura e com o impacto que isso poderia produzir sobre as condições de existência de um cinema nacional. "É uma posição muito estranha. Mas é justamente por isso que quero continuar fazendo cinema como faço. Poder contar as coisas a partir da própria subjetividade é um luxo que não pode pertencer apenas aos países do Norte", afirmou.

Filha de pai e mãe poetas, Valentina encontrou dentro de casa uma espécie de vacina contra qualquer solenidade em torno da criação. Para ela, conhecer poesia significou antes conhecer poetas: seres humanos capazes de produzir versos profundos e, segundos

depois, voltar às banalidades da vida cotidiana. Essa percepção orienta a dramaturgia de "Para Sempre Seu Animal Materno", deliberadamente mais aberta e menos linear do que a de "Tenho Sonhos Elétricos". Valentina escreveu o roteiro rapidamente, tornou o processo de filmagem mais experimental e chegou ao set sem saber exatamente como o longa terminaria. A maternidade atravessou esse processo: ela teve um bebê durante a escrita e, tomada pelo medo de não conseguir realizar o filme, decidiu avançar sem esperar por mais financiamento.

Seu interesse era também desmontar um vício da representação feminina. Em vez da mãe heroica, sacrificada, ou de sua contraparte

monstruosa, Valentina buscou uma mulher contraditória, egoísta, artista e livre para errar. É daí que nasce a família em torno de Elsa, uma jovem de 28 anos que retorna da Europa à Costa Rica e encontra a irmã Amalia cada vez mais isolada e entregue a uma deriva esotérica e existencial. O pai procura segurança numa sucessão de conquistas amorosas, enquanto a mãe reedita os poemas eróticos da juventude. Elsa percebe a urgência do que acontece com a irmã, mas não sabe se é possível salvar quem não deseja ser salva. Marina de Távira ganhou o prêmio de Melhor Atriz da mostra Un Certain Regard, em Cannes, por seu trabalho no longa, numa vitória coletiva com suas colegas.

A experiência dessa família não ficou apenas no papel. Daniela Marín, que vive Elsa, conta que o trabalho físico chegou a embaralhar ficção e realidade: "Sofri ansiedade de verdade nas cenas de busca. Eu estava realmente preocupada com uma pessoa que sabia perfeitamente que estava segura em casa. Quando você coloca o corpo nisso, você também se transforma".

É nessa carne exposta que Valentina procura sua Costa Rica. Não a nação domesticada para exportação, mas um país atravessado por desigualdades econômicas, tensões de classe, desejo, sexualidade e mulheres que se recusam a caber nas molduras destinadas a elas. Seu cinema quer desarrumar a vitrine. E, aos olhos dela, fazê-lo a partir da América Central é também reivindicar um direito elementar: o de um país contar a si próprio sem pedir autorização aos centros tradicionais de poder.

O 28º Festival do Rio segue até 11 de outubro.

CRÍTICA DISCO | NOME DO ÁLBUM

POR AQUILES RIQUE REIS*



No álbum dedicado ao cancionista de Aldir Blanc, as vozes sobrepostas do Equale formam onda que engrandece os sentidos

Vozes feiticeiras

Hoje trataremos do álbum “Salve, Aldir!” (Biscoito Fino), com o qual o grupo vocal Equale celebra a obra de Aldir Blanc, que completaria 80 anos em 12 de setembro de 2026. Para o tributo, os vocalistas buscaram as parcerias clássicas de Aldir com João Bosco e Guinga. Com eles, o compositor trouxe à tona a sua verve inigualável de cronista que observa como poucos as situações

cotidianas, sacadas a partir da Tijuca, o seu reduto de fé. Mas não foram apenas essas as parcerias incluídas, já que o Equale igualmente selecionou músicas dele com Djavan, Cristovão Bastos, Sueli Costa, Moacyr Luz e Maurício Tapajós. Aldir Blanc criou para elas versos com temas surpreendentes que sempre fugiram da mesmice, surpreendendo pelo desprendimento no uso de palavras que embutem o frescor do imaginário popular. Com produção, direção musical

e regência do maestro André Protásio, em parceria com Flavio Mendes e Tom Andrade, o álbum de doze faixas conta com participações de Guinga, Ilessi, Marcos Sacramento e Cristóvão Bastos, músicos que entendem Aldir. E o grupo vocal Equale, hein? Que orgulho perceber que o canto vocalizado está tão bem representado pelas vozes feiticeiras daqueles que adotam a música como se ela fosse uma parte de seus corpos! Ainda mais que as tais músicas vêm com

versos inconfundíveis do poeta popular, musicados por ótimos compositores. O Equale canta o infinito que vem das entranhas do que seja o vocal: um infinito libertário, como o amor e a vida. Aldir e seus parceiros tiveram grandes interpretes. Só que hoje, se vivo fosse (ora essa, e Aldir não está vivo, não?), ele proporia brindes de louvor ao Equale. E não está ele aqui a louvá-lo? Pois sim! Gente, ouvir o Equale cantando João Bosco e Aldir, “Co-

missão de Frente” e na sequência “Ronco da Cuíca”, é coisa de doido. Os tambores soam possantes. Vozes sobrepostas dão uma onda que engrandece os sentidos. E o troço vai num crescendo que não deixa dúvida de que irá longe. Já ouvi dizer que o canto em coral é o maior exemplo de democracia que existe. Sim, claro! Um coro que canta Aldir Blanc e vocaliza o ineludível pode, também, cantar o desejo de um povo de proteger outros bens: a democracia e a soberania, por exemplo. Ouça o álbum completo em <https://11nq.com/cc7x7ml>.

Ficha técnica

Equale: sopranos: Alice Sales, Ana Calvente, Katarina Assef; mezzos: Letícia Dias, Maria Laura Berrêdo, Taiana Machado; Contraltos: Débora Braga, Mariana Serra e Muiza Adnet; tenores: André Protásio, Dalton Coelho, Flavio Mendes, Tom Andrade; barítonos: Leandro Vasques, Murilo Sierra, Pedro Sabino, Will Hester. Direção musical e regência: André Protásio; produção musical: André Protásio, Flavio Mendes e Tom Andrade; arranjos: André Protásio, Dalton Coelho, Flavio Mendes, Katarina Assef e Taiana Machado; produção executiva: Letícia Dias e Tom Andrade; gravação: André Protásio e Lucas Ariel; mixagem e masterização: Lucas Ariel.

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Um samba para dois

A cantora Samantha Jones e o músico Rafael Lorga apresentam o duo formado pelos dois com o lançamento de “Despretensiosamente”, samba de Cacá Ottoni e Elvis Marlon disponível nas plataformas de streaming. Os dois se conheceram na faculdade de Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e se reencontraram, anos depois, numa noite de vinho e cantoria na casa de uma amiga. A parceria cresceu entre ensaios e encontros para mostrar composições inéditas, até virar também amizade.



Uma ode à Bahia

O cantor Lazzo Matumbi acaba de lançar nesta sexta-feira, dia 2, o single “Matumbi”, primeiro do novo projeto “Matumbi Canta a Bahia”, que incluirá álbum e audiovisual. A canção, parceria com o produtor Manno Góes, destaca a influência da África na Bahia e na formação do povo baiano. Com mais de 40 anos de carreira dedicados à música negra brasileira e à militância antirracista, o artista conta no projeto com participações de BaianaSystem, BNegão, Rachel Reis, Ravi Lobo e Coro MultiVox.



Um dueto de amor

A cantora e compositora goiana Sarah Abdala lança o single “Do Teu Olhar”, com participação especial de Marcelo Jeneci, já disponível nas plataformas de streaming e no YouTube. A faixa integra o próximo álbum de estúdio e projeto audiovisual “Ainda Vou Fazer Uma Canção de Amor”. Composta por Sarah, que assina vozes, violão e guitarras, a canção trata do amor como coragem e transformação a partir do olhar do outro, ganhando contornos com a sanfona e a interpretação emocionada de Jeneci.

Três chefs carocas tipo exportação

Jéssica Trindade, Kátia Barbosa e Monique Gabiatti levam nossa cozinha à 10ª edição do Punta del Este Food & Wine

AFFONSO NUNES

Os sabores da cozinha carioca tem data marcada com o mundo. No dia 17, o festival uruguaio Punta Del Este Food & Wine completa dez anos e reservou um espaço próprio para o Rio, que chega em força com uma delegação de chefs mulheres. Jéssica Trindade, do Madame Olympe e do Chez Claude; Kátia Barbosa, do Aconchego Carioca e do Sofia; e Monique Gabiatti, do Polvo Bar e Polvo Marisqueira, vão apresentar um prato cada,

num recorte que atravessa o boteco, o produto do mar e o fine dining carioca.

A missão é promovida pela Prefeitura do Rio, por meio da Secretaria Municipal de Turismo, e se encaixa numa estratégia mais ampla de promoção internacional da cidade. “Estar em Punta del Este nos 10 anos deste evento tão importante permitirá ao Rio compartilhar os seus sabores, por meio de mulheres que fazem parte da construção dessa cena gastronômica, e, ao mesmo tempo, criar novos vínculos com uma cidade com a qual tem muito em comum”, diz a secretária de Turismo, Daniela Maia. “Seguimos com o compromisso de levar a nossa cozinha para além das fronteiras do Brasil, com o intuito de valorizar e dar visibilidade à gastronomia como um importante ativo para o nosso turismo”, completa.

Jéssica Trindade, de 39 anos, passou mais de duas décadas ao lado de Claude Troisgros — começou como estagiária no antigo Bistrô 66 — até assumir o comando do Madame Olympe, casa que entrou no Guia Michelin 2026 com uma estrela oito meses depois da inauguração, o que a fez a primeira mulher carioca e a segunda brasileira a conquistar o prêmio.



Katia Barbosa, Jessica Trindade e Monique Gabiatti, três vertentes da cozinha que faz no Rio

Kátia Barbosa é a autora do bolinho de feijoadá que devolveu o boteco ao centro da cena gastronômica do Rio, com receitas afetivas e técnicas bem executadas a serviço dos sabores populares. E Monique Gabiatti trata peixes e frutos do mar com intervenção mínima, ao ritmo da pesca e dos pescadores locais, nos três endereços que assina na cidade.

O festival reúne mais de 15 chefs do Uruguai, da Argentina e do Brasil, entre eles Juan Gaffuri e Nicolás Díaz Rosaenz, de Buenos Aires, além de nomes de Montevideú, José Ignacio e Punta del Este. A vitivinicultura acompanha o cardápio: vinícolas uruguaias e rótulos da Argentina, do Chile, da Espanha e da França. Em dez edições, o evento recebeu mais de 10 mil participantes, cerca de 70 chefs e 50 vinícolas. “Dez edições depois, essa ideia continua a mesma: mostrar nossa gastronomia ao mundo e aproximar outras cozinhas do Uruguai”, recorda Gabriel Bialystocki, fundador do festival. “Mas também ser o ponto de encontro anual para quem gosta de comer e beber bem, descobrir novos sabores e compartilhar ao redor de uma mesa.”

A viagem ao Uruguai coroa um percurso de internacionalização. O Rio sediou o Latin America’s 50 Best Restaurants em 2023 e 2024, garantiu a avaliação Michelin nos restaurantes da cidade até 2026, foi destino convidado do Madrid Fusión em janeiro deste ano e virou, em outubro passado, a primeira cidade da América do Sul a ocupar o posto de convidada do San Sebastián Gastronomika.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Izakaya na Barra

O chef Maciel, conhecido pelos restaurantes japoneses DonBurizin e Portinha, ambos no Leblon, prepara uma novidade para a Barrinha. Vem aí o Cantinho do Izakaya, sua nova aposta inspirada nos tradicionais izakayas japoneses, um tipo de boteco nipônico. A proposta da casa é criar um ambiente descontraído, daqueles para comer, beber e ficar sem pressa. No cardápio, a ideia é apostar em pequenos pratos para compartilhar e sabores da cozinha japonesa. A abertura está prevista para dezembro.



Bonjour, Leblon!

O Rio de Janeiro vai ganhar a primeira unidade carioca do Le Jazz Brasserie, restaurante paulista conhecido pela cozinha francesa de excelência. A casa abre as portas no Shopping Leblon na segunda quinzena de outubro. A proposta da casa é trazer para a Cidade Maravilhosa o clima descontraído das tradicionais brasseries francesas. No cardápio, clássicos da culinária francesa, além de uma seleção de vinhos para acompanhar. Será a estreia carioca da marca, que já conquistou seu espaço em São Paulo.



Oktoberfest à vista

A Rio Tap Beer House, no Flamengo, entra no clima da Oktoberfest de 6 a 11 de outubro. A casa, premiada pela carta de cervejas especiais, terá uma seleção de rótulos alemães, como Weihenstephaner, Paulaner, Hofbräu HB e Erdinger. O destaque fica por conta da Paulaner Oktoberfest Festbier, servida oficialmente na festa de Munique. Para acompanhar, entra em cena a linguiça de cordeiro com picles de grãos de mostarda, criação especial para a ocasião. Tudo isso em uma ambientação temática que promete transportar os cervejeiros para a Alemanha.

SEGUNDA NO 2

por
**FERNANDO
MOLICA**

Aldir Blanc: o Brasil que conhece e ama o Brasil

Se eu fosse médico como Aldir Blanc, receitaria doses diárias e comedidas de canções de sua autoria para os atacados por ódio, burrice, teimosia, rancor, egoísmo, inveja, recalques variados, desprazeres mil, raivas desmedidas e aversão ao conhecimento, à ciência, à arte, ao amor e à poesia.

Sim, doses pequenas, suficientes para encantar, mas não assustar os mais renitentes; não afogá-los na beleza, na destreza, no lirismo surpreendente e com frequência malcomportado e incômodo como — impossível não usar a imagem que ele criou — band-aid no calcanhar.

Quinta passada, em meio ao fala com fala, bala com bala e tapas virtuais disparados nos tribunais de Brasília e estalados nos estúdios da Globo, Guinga, Moacyr Luz e Zé Renato ocuparam seus pódios no palco do Teatro Rival, no centro do Rio, para homenagear Aldir, nascido há 80 anos e morto na pandemia que por aqui desfilou pelo tapete do negacionismo.

Roteirizado e dirigido por Marcus Fernando, o show é contido, discreto e impactante. Aqueles três senhores sentados, recolhidos atrás de estantes e microfones, parecem querer deixar explícito que a estrela da noite é Aldir. É como se o chamassem para baixar entre nós, nos encantar, surpreender, fazer rir, chorar e ajudar a engolir tantas misérias, como em “Só dói quando eu Rio”, dele e do Moacyr:

A minha história
Escorre aqui
Há quem não se importe
Mas a Zona Norte
É feito cigana lendo a minha sorte
Sempre que nos vemos ela diz
Quanto eu sofri

Mais do que testemunha, tradutor, intérprete e cronista das realidades que o cercam, Aldir — e o verbo vai no presente — é tam-



Moacyr Luz, Zé Renato e Guinga: SOS ao Aldir

Aldir ressalta as nuvens que chupam manchas torturadas, afaga a pátria-mãe gentil, reforça a nossa sempre meio desequilibrada esperança, nos faz lembrar das pedras pisadas no cais

bém personagem. Quando fala do outro, parece falar de si, coloca-se no lugar daquele que busca descrever.

Ele não é o observador que, numa noite fria e chuvosa, passa pela Mem de Sá e vê um bêbado entornando conhaque barato

num botequim vagabundo qualquer. Ele está no tal bar, ao lado do bebum que, talvez, seja ele próprio.

Como não ver Aldir no narrador de “Vida noturna” (composta com João Bosco)?

Acendo um cigarro
Molhado de chuva até os ossos
E alguém me pede fogo
É um dos nossos
Eu sigo na chuva de mão no bolso e sorrio
Eu estou de bem comigo e isto é difícil

Mais do que imaginá-lo, como não nos vemos, cambaleando na rua com o peso de carregar no bolso uma carta, uma estúpida esponja de pó-de-arroz e um retrato que vale muito mais do que já fomos? Tantas vezes nos descobrimos boias-frias, a ponto de sentirmos o gosto do sonhado bife à cavalo, batata frita e goiabada cascão com muito queijo.

Graças ao Aldir conseguimos rir de tantas de nossas dores; nós,

sardinhas de balcão que, na falta de melhor alternativa, achamos até melhor seguir mofando entre o torresmo e a moela (como na canção composta com Maurício Tapajós).

Em tempos tão preocupantes, em que a chuva que não larga o nosso pé parece nos querer lembrar do risco representado pelo flerte com a brutalidade e pelo culto ao desumano, Aldir tira flechas do nosso peito, ressalta as nuvens que chupam manchas torturadas, afaga a pátria-mãe gentil, enxuga lágrimas de Marias e Clarisses reforça a nossa sempre meio desequilibrada esperança, nos faz lembrar das pedras pisadas no cais, exalta as tantas lutas inglórias que não podem ser esquecidas.

Salve Aldir, um dos nossos. Ele que insiste na necessidade, na importância e na beleza de o Brasil conhecer o Brasil. Do Rival (onde voltam a cantar no dia 25 de novembro), Moacyr, Zé Renato e Guinga mandaram um SOS ao Brasil que merece o Brasil.